



# “Tigreiros”: a escravização a serviço do saneamento básico

2ª SÉRIE

Aula 5 – 4º bimestre



## Conteúdo

- A corte no Brasil: hábitos, práticas individuais e coletivas de descartes de resíduos/dejetos;
- Políticas de saneamento: impactos sociais;
- Escravização.

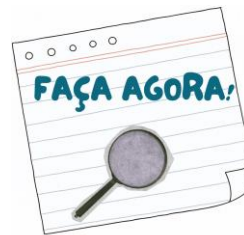


## Objetivos

- Analisar os hábitos e as práticas de descarte de resíduos e dejetos no contexto da transferência da corte portuguesa para o Brasil, identificando permanências e mudanças;
- Problematicar as políticas de saneamento do Rio de Janeiro, com enfoque na desumanização dos escravizados "tigreiros" ou "cabundos".



## Para começar



- Diante da quantidade de resíduos produzidos no mundo globalizado e industrial, onde são os “territórios” do lixo em sua cidade? A destinação do lixo é adequada? Há coleta seletiva e/ou compostagem dos produtos orgânicos? Existe **saneamento básico** em todos os bairros da sua cidade?
- É possível afirmar que existem relações entre as dinâmicas econômicas na atualidade com o descarte e o acondicionamento do lixo em determinados locais? **Levantem hipóteses!**



Cerca de 100 milhões de pessoas não têm acesso à coleta de esgoto, o que causa doenças que podem levar à morte por contaminação. Foto: Instituto Trata Brasil (Agência Senado).



# Foco no conteúdo

## Rio de Janeiro: a capital da monarquia

"A vinda da família real para o Brasil mudou, também, a fisionomia do Rio de Janeiro. A cidade que os estrangeiros achavam suja, feia e malcheirosa começou a se expandir e cuidar de sua aparência, abrindo-se às modas europeias. Para zelar pela segurança e pelo policiamento da cidade, foi criada, ainda em 1808, a **Intendência de Polícia**, encarregada de todos os serviços de melhoria e embelezamento da cidade." (MULTIRIO, 2022).



*O embarque da família real e da corte portuguesa para o Brasil no Cais de Belém, em novembro de 1807. Henri L'Evêque. Gravura do século XIX. Museu Histórico e Diplomático.*



## Foco no conteúdo

Ainda que de forma incipiente, obras de infraestrutura passaram a ser executadas, pântanos aterrados, casas construídas, ruas e caminhos que expandiram os limites da cidade, com vistas a promover o desenvolvimento do comércio.

Dessa forma, a capital da monarquia experimentou inúmeras mudanças em termos demográficos, políticos e culturais, instituindo novas relações de poder, de maneira a adequar-se à corte e impor novas configurações e costumes à cidade.



*O chafariz do campo (de Santana).*  
Durante a permanência da corte no Rio, várias fontes d'água foram recuperadas e construídas, a fim de melhorar o abastecimento da cidade.



## Foco no conteúdo

No contexto, o Brasil passa a estreitar suas relações com a Inglaterra, com a **abertura dos portos**, permitindo a exportação, principalmente do café e, até 1850, do **tráfico de escravizados**, que movimentavam a economia agroexportadora brasileira. Nesse sentido, o uso do espaço nos arredores do cais do porto, seus cortiços, estalagens, armazéns e trapiches, revelavam as condições deterioradas de salubridade e limpeza urbanas.

Aquarela do artista inglês William Smyth. *Porto do Rio de Janeiro visto de um navio, 1832.*





## Na prática



VIRE E  
TRABALHE!

**Leia** as fontes nos *slides* a seguir e, em dupla, **discuta!** **Registre** suas reflexões.

A qual contexto histórico as fontes estão fazendo referência? Como eram as condições de higiene no período, explicitadas pelas fontes? Quem cuidava das questões sanitárias do Rio de Janeiro no período? Explique.



## Na prática

**FONTE 1.** "Se dos dormitórios continuarmos para a cozinha, outras inconveniências não se farão esperar. Entre as piores, acha-se uma tina destinada a receber todas as imundícies e refugos da casa; que, nalguns casos, é levada e esvaziada diariamente, noutros sòmente uma vez por semana, de acôrdo com o número de escravos, seu asseio relativo e pontualidade, porém, sempre que carregado, já sobremodo insuportável. Se acontece desabar um súbito aguaceiro, logo surgem em geral essas tinas, despeja-se-lhes o conteúdo em plena rua, deixando-se que a enxurrada o leve. Nas casas em que não se usa desses barris, toda espécie de detrito é atirada ao pátio, formando uma montoeira mais repugnante do que é possível a uma imaginação limpa fazer ideia. E ali fica, ajudando a criar os insetos e originando doenças, à espera de que as chuvas pesadas do clima tropical a levem." (LUCCOCK, 1808-1818) [Grafia original].





## Na prática

**FONTE 2.** “[...] Faço saber aos que este Edital virem ou dele tiverem notícia que sendo um dos cuidados da Polícia vigiar sobre o asseio da cidade não só para a comodidade de seus moradores, mas principalmente para conservar a salubridade [...] e impedir que se infeccione com as imundícies que das casas se deitam às ruas e constando aliás que muitos de seus moradores apartando-se culposamente do costume que nela sempre havia de mandarem deitar ao mar em tinas e vasilhas cobertas as águas imundas e outros despejos se facilitam impunemente a fazê-lo das janelas abaixo, os que nunca era de sua liberdade fazê-lo no centro de uma Corte que se está estabelecendo [...] fica hoje em diante vedado por esta Intendência o abuso de se deitarem as ruas imundícies e todo aquele que for visto fazer os despejos [...] serão punidos em dez dias de prisão e com a pena pecuniária de dois mil réis para o Cofre da Polícia e todos os Oficiais e a mesma Intendência e da Justiça [...]” (EIGENHEER, 2009).

## Correção



### Na prática

***Com a vinda da corte e de projetos para uma almejada modernização da capital, inúmeros relatos de viajantes elogiavam a exuberância da paisagem natural e, ao mesmo tempo, apontavam a falta de “asseio” da população, como é identificado no relato de John Luccock (fonte 1), que descreve as práticas e os costumes em relação ao descarte dos rejeitos das moradias, ou seja, “as imundícies e os refugos da casa”, que dependiam de escravizados para levá-los ao mar, ou mesmo das chuvas, para limpeza dos pátios e ruas com esgoto a céu aberto (o Rio de Janeiro, por estar em áreas pantanosas, apresentava maior dificuldade em enterrar o lixo produzido, ou mesmo fossas eram proibidas na região central, com o intuito de evitar a contaminação de lençóis freáticos).***



## Na prática

## Correção

### Continuação

***Já a fonte 2, um edital do ano de 1808, indica as primeiras ações acerca da limpeza urbana e da preocupação com o saneamento na capital, ainda que permanecessem sendo assunto de polícia, como no período colonial (regulamentadas por Códigos de Postura). Os editais, criados pela Câmara Municipal, instituíaam horários e locais de despejo, as características dos barris utilizados, quais os meios de transporte, além de prisão e pena pecuniária, tentando “disciplinar” os hábitos da população. No entanto, as medidas mais efetivas relacionadas ao saneamento urbano se dão principalmente após a segunda metade do século XIX, quando a limpeza da cidade passa a ser gerenciada pelo governo Imperial, com a Junta de Higiene.***



## Foco no conteúdo

Litografia de escravizados denominados “tigreiros” jogando dejetos no mar. Nos dizeres: *“Laboratorio Municipal – Onde sahe o cheiro mais perfeito. A massa, ao mundo occulta e preciosa. Os Lusíadas: Canto X, est. 137”*. [Grafia original]

Henrique Fleiuss, *Revista Semana Illustrada*, n. 5, 1861.





# Foco no conteúdo

## Os "tigres"

- "No Brasil escravista, chamava-se 'tigre' o barril de madeira, de tamanho médio, que servia para a coleta de excremento das casas localizadas na região urbana do Brasil escravista. Como não existia esgoto, cabia aos escravos (chamados, por isso, de 'tigreiros') encontrar um lugar distante onde pudessem descarregar essas vasilhas, depois de cheias.
- Os escravos colocavam o barril à cabeça e seguiam para um local ermo ou praia a fim de esvaziá-lo. Ocorre que, como esses vasilhames não eram renovados com frequência, apodreciam depois de certo tempo e muitas vezes desmontavam na cabeça do escravo." (MOURA, 2004).



Obra de Jean-Baptiste Debret,  
1820-30.



## Foco no conteúdo

- "Parte do conteúdo, que continha ureia e amônia, vazava dos tonéis e deixava marcas brancas sobre a pele negra, parecidas com listras. Por essa reação química, as marcas se pareciam com as do animal – daí o apelido em tom pejorativo dos 'tigres' ou 'tigrados'.
- O cheiro dos tonéis, obviamente, não era agradável e fazia com que as pessoas não se aproximassem dos 'tigres' enquanto os carregavam." (MOURA, 2004).

VOCÊ SABIA?

*"Tristes operários do labor imundo"*



<https://www.youtube.com/watch?v=T5RDOpLWRGE>



## Na prática

**Leia** os textos historiográficos nos *slides* a seguir e construa argumentos a partir das sugestões de abordagem! **Registre** suas reflexões.



### **ABORDAR:**

*Modo de realização do saneamento de cidades litorâneas, como a capital (Rio de Janeiro); a destinação desses dejetos; a relação entre a facilidade de dispor de escravizados que desempenhassem o "escoamento dos dejetos", sua desumanização, e o "atraso" na criação das redes de saneamento nas cidades.*

*Aprofunde seus argumentos!*



## Na prática *Correção*



**TEXTO 1.** “Ao escravo negro se obrigou os trabalhos mais imundos na higiene doméstica e pública dos tempos coloniais. Um deles, o de carregar à cabeça, das casas para as praias, os barris de excremento vulgarmente conhecidos por tigres. Barris que nas casas-grandes das cidades ficavam longos dias dentro de casa, debaixo da escada ou em um outro recanto acumulando matéria. Quando o negro os levava é que já não comportavam mais nada. Iam estourando de cheios. De cheios e de podres. Às vezes largavam o fundo, emporcalhando-se então o carregador da cabeça aos pés. Foram funções, essas e várias outras, quase tão vis, desempenhadas pelo escravo africano com uma passividade animal” (FREYRE, 2003).





## Na prática *Correção*

*Diálogo com o  
historiador*

**TEXTO 2.** “O serviço de carregamento [dentre aqueles realizados pelos escravos] mais comum e claramente o de status mais baixo era o de água e dejetos. Uma vez que a maior parte da água potável tinha de vir de fora das casas, cada família mandava seus escravos em busca do suprimento diário de água, ou alugava outros para buscá-la. Antes da chegada da corte portuguesa, as escravas supriam os lares; mas com o crescimento da demanda por água na cidade, até mesmo os brancos pobres já tinham entrado no negócio por volta de 1819. Porém, eram uma minoria, pois o ofício era dominado por homens africanos, que podiam carregar sobre suas cabeças barris com quinze ou dezesseis galões de água, ou puxar um grande tonel sobre uma carroça. Mas as escravas continuaram a buscar água para famílias pequenas.” (KARASCH, 2000).



## Na prática *Correção*



### IMPORTANTE DESTACAR:

*Os fragmentos de textos de Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, e da historiadora Mary Karasch abordam a problemática das atividades realizadas pelos tigreiros, que, notadamente, atrelava-os à desordem, à sujeira, ao foco de doenças. Ainda que, posteriormente, o século XIX objetivasse uma modernização das cidades, ou seja, o rompimento com a "ordem tradicional", as práticas e os costumes do escravismo permaneceram iguais, mesmo após a proibição do tráfico de escravizados, ou posteriormente com a abolição da escravatura. Algumas pesquisas indicam que os tigreiros eram "escravizados/escravos de ganho" ou de aluguel e exerciam esse trabalho para as famílias de posses, até a década de 1860, quando começa a haver, gradualmente, a diminuição dessa atividade.*



## Na prática *Correção*

*Sua representação reforça a desumanização e naturaliza a tarefa humilhante realizada por esses escravizados, como afirma em outro trecho Mary Karasch: “[...] a repugnante tarefa de carregar lixo e os dejetos da casa para as praças e praias era geralmente destinada ao único escravo da família [...]. Todas as noites, depois das dez horas, os escravos conhecidos popularmente como ‘tigres’ levavam tubos ou barris de excremento e lixo sobre a cabeça pelas ruas do Rio”. (KARASCH, 2000). Gilberto Freyre refere-se a essas relações de trabalho e dominação dos tigres à intimidade da sociedade senhorial, e pressupõe o atraso do desenvolvimento sanitário em virtude dessas especificidades.*



*Tigre, J. C. Guilhobel, 1814.*



## Na prática

## Correção

***As litografias de Henrique Fleiuss de 1861 (observadas anteriormente), do periódico "Semana Ilustrada", podem exemplificar essas relações de dominação, de naturalização da escravidão, já que apresentam uma crítica, um "constrangimento" com a falta de "civilidade" das cidades brasileiras, da falta de controle dos fiscais em relação ao esgoto jogado no mar, das medidas de normatização das atividades dos tigres em horários "inadequados", ou seja, denunciam um Rio de Janeiro sem saneamento, sujo e que precisa modernizar-se. Uma análise crítica pode ser realizada acerca da conservação de desigualdades em relação à população afro-brasileira, já que, diante do racismo estrutural e institucional de nosso país, grande parte dessa população vive em áreas periféricas e sem saneamento básico na contemporaneidade.***



# Aplicando

(ENEM – 2021)

Texto I.



Aquarela. Henry Chamberlain,  
1821.

## Texto II.

“A repugnante tarefa de carregar lixo e os dejetos da casa para as praças e praias era geralmente destinada ao único escravo da família ou ao de menor status ou valor. Todas as noites, depois das dez horas, os escravos conhecidos popularmente como ‘tigres’ levavam tubos ou barris de excremento e lixo sobre a cabeça pelas ruas do Rio.”

KARASCH, M. C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2000.



# Aplicando



A ação representada na imagem e descrita no texto evidencia uma prática do cotidiano nas cidades no Brasil nos séculos XVIII e XIX caracterizada pela:

- A. valorização do trabalho braçal.
- B. reiteração das hierarquias sociais.
- C. sacralização das atividades laborais.
- D. superação das exclusões econômicas.
- E. ressignificação das heranças religiosas.



# Aplicando



A ação representada na imagem e descrita no texto evidencia uma prática do cotidiano nas cidades no Brasil nos séculos XVIII e XIX caracterizada pela:

## **B** reiteração das hierarquias sociais.

*Com a mão de obra escrava sendo utilizada em larga escala, foram os cativos apelidados de "tigres" os responsáveis pelo recolhimento e o despejo da urina e fezes de muitos moradores das cidades durante cerca de 300 anos. Para além da desumanização desses escravos, essa forma de descarte já mostrava um descaso grande com a questão do escoamento dos dejetos. O texto destaca que o trabalho de carregar lixo e dejetos era realizado pelos escravizados de menor status ou valor (hierarquização), havendo uma desigualdade no trabalho até mesmo entre os escravizados.*



# O que aprendemos hoje?

- Analisamos os hábitos e as práticas de descarte de resíduos e dejetos no contexto da transferência da corte portuguesa para o Brasil, identificando permanências e mudanças;
- Problematizamos as políticas de saneamento da capital da monarquia, com enfoque na desumanização dos escravizados “tigreiros ou cabundos”.





# Tarefa SP

Localizador: 102051

1. Professor, para visualizar a tarefa da aula, acesse com seu login: [tarefas.cmsp.educacao.sp.gov.br](http://tarefas.cmsp.educacao.sp.gov.br)
2. Clique em "Atividades" e, em seguida, em "Modelos".
3. Em "Buscar por", selecione a opção "Localizador".
4. Copie o localizador acima e cole no campo de busca.
5. Clique em "Procurar".

Videotutorial: <http://tarefasp.educacao.sp.gov.br/>



## Referências

**Slide 4 – MULTIRIO. A vida na corte e as transformações na cidade do Rio de Janeiro.** Disponível em: <https://cutt.ly/Ewgkeqmx>. Acesso em: 14 ago. 2023.

**Slide 8 – LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1951.

**Slide 9 – ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO (ANRJ). Polícia da Corte. Códice 318, Registro de Avisos, portarias, ordens e ofícios a Polícia da Corte, fls. 26 e 27. Edital de 11/06/1808. In: EIGENHEER, E. M. **Lixo: a limpeza urbana através dos tempos.** [Recurso Digital], 2009. p. 101. Disponível em: <https://cutt.ly/zJbuN4y>. Acesso em: 18 abr. 2022.**

**Slides 13 e 14 – MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão negra no Brasil.** São Paulo: Edusp, 2004.

**Slide 16 – FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: Global, 2003.



## Referências

**Slides 17 e 19** – KARASCH, M. C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

**Slides 21 a 23** – INEP ENEM, 2021. Disponível em: <https://cutt.ly/3wgR6VLD>  
Acesso em: 18 abr. 2022.

LEMOV, Doug. **Aula nota 10 3.0:** 63 técnicas para melhorar a gestão da sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2023.



# Referências

## Lista de imagens e vídeos

**Slide 3** – Instituto Trata Brasil (Agência Senado). Disponível em: <https://cutt.ly/qwgg1IHM>. Acesso em: 14 ago. 2023.

**Slide 4** – *O embarque da família real e da corte portuguesa para o Brasil no Cais de Belém, em novembro de 1807*. Henri L'Evêque. Gravura do século XIX. Domínio público, Museu Histórico e Diplomático. Disponível em: <https://cutt.ly/AwgjJSIF>. Acesso em: 14 ago. 2023.

**Slide 5** – *O chafariz do campo (de Santana)*. Durante a permanência da corte no Rio, várias fontes d'água foram recuperadas e construídas, a fim de melhorar o abastecimento da cidade. Aquarela (48 × 30,5 cm) de E. Loeillot, 1835. Domínio público, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://cutt.ly/iwgj6aQA>. Acesso em: 14 ago. 2023.

**Slide 6** – Aquarela do artista inglês William Smyth. *Porto do Rio de Janeiro visto de um navio, 1832*. Disponível em: <https://cutt.ly/Mwgzn1Id>. Acesso em: 14 ago. 2023.



# Referências

## Lista de imagens e vídeos

**Slide 12** – Litografia. Henrique Fleiuss, *Revista Semana Illustrada*, n. 5, 1861. Acervo Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://cutt.ly/BJbitSR> Acesso em: 14 out. 2023.

**Slide 13** – Obra de Jean-Baptiste Debret, 1820-30, Coleção [Collection] Museu Castro Maya – IBRAM/MinC, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://cutt.ly/BwghvSav>. Acesso em: 14 ago. 2023.

**Slide 14** – Escravos Tigres. Disponível em: <https://cutt.ly/cwgTcbuv>. Acesso em: 14 ago. 2023.

**Slide 19** – EIGENHEER, E. M. Lixo: a limpeza urbana através dos tempos. [Recurso Digital], 2009. p. 101. Disponível em: <https://cutt.ly/zJbuN4y>. Acesso em: 18 abr. 2022.

**Gifs e imagens ilustrativas** elaboradas especialmente para este material a partir do Canva. Disponível em: [https://www.canva.com/pt\\_br/](https://www.canva.com/pt_br/). Acesso em: 15 ago. 2023.

# Material Digital

